

PRÁTICA PEDAGÓGICA EDUCOMUNICATIVA (PPE) E ESCRITA COLABORATIVA

Raquel Regina Zmorzenski Valduga Schoninger¹

Luiza Carla dos Santos Mazera²

Ademilde Silveira Sartori³

RESUMO

No presente artigo teve-se por objetivo refletir sobre as possibilidades de incorporação dos benefícios da conectividade para a produção coletiva do conhecimento a partir da Educomunicação, ou seja, da inter-relação entre Educação e Comunicação. O estudo chama a atenção para o fato de que ensinar e aprender na sociedade contemporânea, repleta por elementos midiáticos, indica a necessidade da mediação e do diálogo entre as referências midiáticas dos alunos e as experiências proporcionadas no ambiente escolar. Diante da mobilidade permitida pelos meios digitais, concluiu-se que é possível, por exemplo, trabalhar a escrita colaborativa de maneira crítica e ativa com os alunos e professores nos espaços escolares e para além dos muros da escola, por meio de uma Prática Pedagógica Educomunicativa (PPE) aliada a uma alfabetização midiática ou “digital” e ao multiletramento. Palavras-chave: Educomunicação. Prática Pedagógica Educomunicativa (PPE). Escrita colaborativa.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, nossas práticas socioculturais refletem a influência dos avanços tecnológicos e comunicacionais: assistir algo via internet, produzir um texto coletivamente, encontrar os amigos pelas mídias sociais e salas de bate-papo são apenas alguns exemplos dessas práticas da vida humana articuladas com as mídias digitais, que são muito comuns não somente aos adolescentes, mas às pessoas das mais variadas faixas etárias.

Novas práticas comunicativas surgiram nesse processo de avanço das mídias digitais e, portanto, novas práticas pedagógicas podem ser implementadas considerando a mesma lógica. Nas escolas, para além de se educar para as mídias e com as mídias, importa construir uma Prática Pedagógica Educomunicativa (PPE), ou seja, uma prática que amplie as possibilidades comunicativas estabelecidas entre os sujeitos que participam do processo educativo (professores, gestores, crianças, família e sociedade) e que favoreça uma relação mais crítica, ativa e criativa desses sujeitos diante das referências midiáticas que fazem parte de seu contexto (SOUZA, 2013).

Se já utilizamos as mídias digitais no nosso dia a dia para as mais variadas tarefas, desde marcar um almoço com amigos até discutir as notícias que afetam a economia do País, por que não incorporar os benefícios da conectividade para a produção coletiva do conhecimento?

No presente artigo temos a intenção de refletir sobre esse questionamento a partir da Educomunicação, ou seja, da inter-relação entre Educação e Comunicação, a fim de que consigamos encontrar algumas possibilidades para a construção da produção coletiva do conhecimento com alunos e professores nos espaços escolares e para além dos muros da escola.

2 EDUCOMUNICAÇÃO EM CONTEXTO

A inter-relação do par educação e comunicação originou um movimento denominado Educomunicação, que, por sua vez, defende a importância de ações que incentivem a produção e a recepção crítica de informações e de conteúdos, assim como a comunicação dialógica.

¹ Doutoranda em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGE-Udesc); Gerente de articulação pedagógica da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis; raquelvalduga.pmf@gmail.com

² Mestre em Educação pela Universidade do Estado de Santa Catarina; luizamazera@gmail.com

³ Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo; Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGE-Udesc); ademildesartori@gmail.com

Cunhado inicialmente nas discussões da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) nos anos 1980, baseado na pedagogia crítica de Paulo Freire, que inspirou Mario Kaplún a criar o termo educador na mesma década, foi fortalecido pela teoria das mediações de Martín-Barbero e, mais recentemente, a partir do ano 1999, com Ismar Soares, por meio do Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE-USP), esse novo campo de saber passou a ser definido como:

[...] um conjunto de ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, assim como a melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos de informação no processo de aprendizagem. (SOARES, 2002, p. 24).

De acordo com Soares (2011), o referido termo também objetiva incentivar ações que criem e desenvolvam ecossistemas comunicativos, que se manifestam, segundo Martín-Barbero (2011), de duas formas, a saber: a primeira é a relação de empatia dos jovens com as novas tecnologias, o que, por sua vez, trata-se de um novo modo de perceber e sentir. Já a segunda manifestação e materialização dos ecossistemas comunicativos, de acordo com o autor, configura-se pela dispersão do saber fora da escola, isto é, existem múltiplos saberes que circulam fora do ambiente escolar, que antes era o único lugar de legitimação do saber, e estão além do livro.

Soares (2011) entende o conceito de ecossistemas comunicativos para além da apropriação das tecnologias, pois consiste em teias de relações construídas coletivamente entre as pessoas do espaço escolar, visando favorecer o diálogo social, não deixando de considerar as potencialidades dos meios de comunicação, bem como de suas tecnologias, porém, incluindo o diálogo na metodologia de ensino, na aprendizagem e na convivência do espaço educativo.

Percebe-se, implícita, no referido conceito, em ambas as definições, a defesa de Freire (1980) acerca da importância de uma educação pela comunicação, baseada no diálogo e na participação, assim como se encontra claro o cuidado com as relações e a importância de se considerar a realidade dos sujeitos envolvidos nos ecossistemas comunicativos.

Nesse sentido, mesmo contando com novas ou antigas tecnologias, faz-se necessário indagar sobre novas formas de ensinar e aprender, pois as mudanças metodológicas e as práticas interativas ancoradas no diálogo estão além da utilização de um tipo ou outro de tecnologia (APARICI, 2014, p. 38). A partir de concepções como essa, que reconhecem a necessidade de repensar os processos educativos e comunicativos, Sartori e Souza (2012) desenvolveram o conceito de Prática Pedagógica Educomunicativa (PPE), que, por sua vez, de acordo com as autoras, preocupa-se com:

[...] a ampliação dos ecossistemas comunicativos, isto é, mais do que se preocuparem com a utilização dos recursos tecnológicos no “quê fazer” pedagógico, estas se preocupam com a ampliação dos índices comunicativos estabelecidos entre os sujeitos que participam do processo educativo: comunidade escolar, crianças, família, sociedade. (SARTORI; SOUZA, 2012, p. 13).

A ampliação de ecossistemas comunicativos, conforme propõe uma PPE, pressupõe uma educação baseada na colaboração e na construção coletiva de conhecimento. Schöninger e Sartori (2014) explicam que a construção do conhecimento na perspectiva de uma aprendizagem colaborativa ocorre com os alunos atuando coletivamente e de forma ativa no processo de ensino e aprendizagem, relacionando seus saberes prévios com outras informações, ampliando os significados sobre as coisas e formulando possibilidades para alcançar os objetivos. Dessa forma, “ao professor não basta apenas colocar, de forma desordenada, os alunos em grupo, deve sim criar situações de aprendizagens em que possam ocorrer trocas significativas entre os alunos e entre estes e o professor.” (TORRES; IRALA, 2014, p. 65). Nesse sentido, precisamos pensar em espaços e metodologias que possibilitem que essas situações de aprendizagens colaborativas possam ocorrer de forma significativa. Uma das possibilidades é explorar o universo autoral que a internet nos apresenta por meio das comunidades criadas para debates e socialização de temas diversos. A partir da chamada *web 2.0*⁴ tivemos

⁴ A *web 2.0* surgiu em 2003 para designar os ambientes propícios à criação e à manutenção de espaços mais participativos, como, por exemplo: *blogs*, mídias sociais, *wikis*, *moodle*, entre outros.

acesso ao compartilhamento e à criação colaborativa de informação em diversos formatos: texto, áudio, imagem e vídeos, e nos tornamos também produtores e não apenas receptores de uma mídia de massa.

A seguir aprofundamos as possibilidades de diálogos e de coparticipação que a internet pode proporcionar, por meio da escrita colaborativa, entre professores e alunos e para além dos muros escolares.

3 ESCRITA COLABORATIVA E PRÁTICA PEDAGÓGICA EDUCOMUNICATIVA (PPE)

Ensinar e aprender na sociedade contemporânea, repleta por elementos midiáticos, requer uma tomada de consciência que deve considerar que os conhecimentos e as experiências dos indivíduos, sejam crianças, jovens, sejam adultos, necessitam ser considerados nas práticas pedagógicas docentes, pois com a difusão das mídias ocorreu também a descentralização do saber, criando para a educação um grande desafio, como nos mostra Martín-Barbero (2011, p. 126):

A escola deixou de ser o único lugar de legitimação do saber, pois existe uma multiplicidade de saberes que circulam em outros canais, difusos e centralizados. Essa diversificação e difusão do saber, fora da escola, é um dos desafios mais fortes que o mundo da comunicação apresenta ao sistema educacional.

Nesse sentido, confirma-se a importância de acreditar na mediação e no diálogo entre as referências midiáticas dos alunos e as experiências proporcionadas no ambiente escolar. Dentro desse contexto, cabe aos professores refletirem e repensarem suas práticas pedagógicas diante do cenário contemporâneo marcado pelas mídias e, principalmente, vivenciado por seus alunos. Contudo, para o exercício de uma prática que considere esses elementos não basta incluir as tecnologias nas atividades desenvolvidas, mas, sim, utilizá-las com consciência e objetivos.

Refletindo sobre as condições necessárias para o desenvolvimento de uma prática pedagógica que considere as particularidades e as relações, assim como a ampliação das possibilidades comunicativas e o uso pedagógico das tecnologias e mídias, Souza (2013, p. 198), como pontuado na seção anterior, desenvolveu o conceito de Prática Pedagógica Educomunicativa (PPE) que, por sua vez:

- a) considera as particularidades da contemporaneidade marcada pelo universo midiático e tecnológico;
- b) estabelece um ecossistema comunicativo nas relações de um determinado espaço educativo;
- c) amplia as possibilidades comunicativas estabelecidas entre os sujeitos que participam do processo educativo (comunidade escolar, crianças, família e sociedade);
- d) preocupa-se com o uso pedagógico de recursos tecnológicos e midiáticos;
- e) favorece uma relação mais ativa e criativa desses sujeitos diante das referências midiáticas que fazem parte de seu contexto de vida.

No exercício cotidiano de uma PPE intensifica-se, segundo Sartori e Souza (2012, p. 35), “uma relação mais ativa e criativa dos sujeitos em relação às referências midiáticas a que têm acesso, isto é, potencializam os ecossistemas comunicativos entre todos os envolvidos no processo educativo.” Por isso, faz-se positivo incorporar os benefícios da conectividade para, por exemplo, ensinar a produção coletiva do conhecimento nos espaços escolares e para além dos muros da escola.

A favor da construção coletiva do conhecimento utilizando-se as possibilidades da conectividade, tem-se o aumento de acesso à internet no Brasil, já que, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2015), de 2013 a 2014, a proporção de internautas passou de 49,4% para 54,4% do total da população residente. Além disso, o tempo de uso da internet também aumentou. Segundo a Pesquisa Brasileira de Mídia, o índice de pessoas que utilizavam a internet todos os dias cresceu de 26% na PBM 2014 para 37% na PBM 2015. Ainda segundo a mesma pesquisa, as pessoas ficam conectadas, em média, 4h59 por dia durante a semana e 4h24 nos finais de semana (BRASIL, 2014). Assim, com essa crescente possibilidade de acesso e do poder mediador das tecnologias, pode-se dizer que as gerações atuais se definem e se transformam em produtoras de mensagens e informações, conforme dito anteriormente.

Diante desse cenário em que o conhecimento deixou de ser exclusividade da cultura impressa, abrem-se inúmeras possibilidades de diálogos, leituras e escrita por meio da cibercultura. “A palavra cibercultura emerge nesse contexto para dar conta dos fenômenos que nascem à volta das novíssimas tecnologias de comunicação, da chamada informática de comunicação ou mídia digital interativa.” (RÜDIGER, 2013, p. 13). Ainda segundo o mesmo autor, a comunicação humana sempre foi interativa, mas atualmente ela não depende apenas da linguagem para existir, pode se valer dos meios audiovisuais também.

Lévy (2007) explica que nas sociedades orais a noção de tempo se apresentava de forma circular, ou seja, estava centrada na memória humana e na linguagem oral e a palavra constituía a estrutura da memória social. Contudo, as sociedades escritas caracterizam-se pela forma linear de ver a história, na qual a memória humana já não era o principal dispositivo para armazenar a informação e o conhecimento, pois com a escrita e a prensa o saber passa a sobreviver no papel impresso. Já na sociedade da informação, na era digital em que vivemos atualmente, encontramos-nos em uma nova época da produção e transmissão do conhecimento. Os meios digitais de criação textual permitem que se tenha uma maior mobilidade do texto: ele é escrito, publicado e distribuído e depois pode ser: contestado, cortado, comentado, *linkado*, reutilizado e, simultaneamente a tudo isso, novamente publicado e distribuído pela internet.

Diante da mobilidade permitida pelos meios digitais de criação textual, fica a indagação: como é possível trabalhar a escrita colaborativa de maneira crítica e ativa com os alunos? Acreditamos que um dos caminhos indique para uma Prática Pedagógica Educomunicativa (PPE). Nesse sentido, pensar nos princípios que conceituam a PPE, expostos anteriormente, faz-se importante, pois eles podem contribuir para o desenvolvimento de ações que incentivem a produção e a recepção crítica de informações e conteúdos, assim como a comunicação dialógica, favorecendo o trabalho para o ensino e a aprendizagem de uma escrita colaborativa.

Para tanto, uma das primeiras ações dos docentes para o favorecimento de um trabalho colaborativo, mais especificamente de uma escrita colaborativa, deve estar na tomada de consciência de que a contemporaneidade é marcada pelo universo midiático e tecnológico, primeiro princípio da PPE, pois cada vez mais cedo as crianças têm acesso às mídias digitais, utilizando-se delas para produzir e compartilhar conteúdos do seu interesse, e isso tudo com grande facilidade e *expertise*. Assim, quando essas crianças iniciam sua vida escolar carregam consigo toda sua experiência midiática, que, por sua vez, não deve ser “nublada” pelos professores, mas, sim, aproveitada para facilitar as formas de aprendizagem coletiva, como, por exemplo, a releitura e, conseqüentemente, a reescrita de contos clássicos, quando se torna possível substituir os personagens, a temática e a linguagem padrão, assim como a apresentação do resultado final para os colegas da sala e/ou da escola, por personagens que aparecem nos seus *games* ou seriados preferidos, temáticas e linguagens do seu cotidiano, e, ainda, além de apresentar o resultado para sua turma e/ou escola, disponibilizá-lo em um canal do *Youtube* para que esteja disponível a outros interessados.

Ao incentivar ações de produção como a citada anteriormente, em que o trabalho coletivo não consiste apenas na divisão de grupos, mas, sim, no “fazer junto”, criando ecossistemas comunicativos, possibilitando espaço aos alunos para que possam escrever, com a mediação dos professores, a partir de suas referências midiáticas e, dessa forma, fazer com que eles sejam e se sintam autores no processo de produção escrita, os professores estão agindo de acordo com o que pressupõe o segundo princípio de uma PPE, isto é, estabelecer ecossistemas comunicativos nas relações de um determinado espaço educativo. Dessa forma, considera-se, como afirma Sartori (2010, p. 46), que a escola é um espaço complexo de comunicações, como nos mostra o excerto a seguir:

Preocupar-se com ecossistemas comunicativos em espaços educacionais é levar em conta que a escola é espaço complexo de comunicações, no qual o educador deve considerar o entorno cultural do aluno e seus pares de diálogo – colegas, família, mídia –, para planejar ações que possibilitem a participação, a construção e troca de sentidos. Para tal, é necessário que a escola esteja preparada para enfrentar e dialogar com percepções de mundo diferentes das que enfrentava décadas atrás.

Quando os educadores consideram os “pares de diálogo – colegas, família, mídia” do aluno (SARTORI, 2010), eles têm a possibilidade de ampliar as possibilidades comunicativas entre os sujeitos que participam do processo educativo (comunidade escolar, crianças, família e sociedade), terceiro princípio da PPE. Assim, quando os alunos levam para suas casas um tema para pesquisa ou devem continuar em seus lares a escrita de um texto, por exemplo, é possível proporcionar a eles momentos de integração e diálogo com “os seus”, criando situações para o desenvolvimento do

trabalho e da escrita colaborativa. Dessa forma, além de os “pares de diálogos” poderem oferecer suas contribuições, estarem a par dos conteúdos trabalhados na escola, eles, talvez, possam se sentir valorizados ao terem a oportunidade de expressar seus conhecimentos oriundos de suas experiências.

Ainda no que se refere à realização de pesquisas, faz-se importante ressaltar a necessidade de os alunos aprenderem de fato a realizar pesquisas. Isso porque, apesar de o acesso à informação ser facilitado na sociedade contemporânea, ainda falta maior capacidade de seleção e “filtro” das informações pesquisadas. Para desenvolver uma escrita colaborativa e, além disso, exercer uma postura crítica na sociedade, saber pesquisar informações que sejam do interesse do pesquisador são fundamentais para a tomada de decisão. Nesse caso, cabe aos professores quando solicitam uma tarefa de pesquisa, mediar os acessos para que os alunos possam entender o conteúdo pesquisado e, a partir disso, elaborarem novos conhecimentos de forma consciente.

No mesmo momento em que os professores realizam a mediação entre o acesso e a informação, além de ensinar ao aluno como se deve realizar uma pesquisa, não deixam de ensinar também quais *sites* de pesquisa representam ser mais confiáveis e/ou como o discente pode salvar e editar as informações selecionadas. O mesmo deve acontecer, por exemplo, quando os grupos de alunos que estão reescrevendo de forma colaborativa os contos clássicos, utilizam os editores de texto para criarem seus roteiros ou, ainda, criam um canal no *Youtube* para postar os resultados finais dos seus trabalhos. Em síntese, essas ações demonstram uma preocupação com o uso pedagógico dos recursos tecnológicos ou midiáticos, quarto princípio da PPE, isto é, exemplificam que o uso dos recursos tecnológicos e das mídias não está sendo incluído nas atividades apenas para demonstrar que os professores fazem uso deles em suas aulas, mas que ao produzirem conteúdos os alunos utilizam tais recursos e mídias.

Além disso, cabe destacar que quando os professores realizam ações que se preocupam em considerar que atualmente o mundo está marcado pelas mídias e pelo tecnológico, e/ou em estabelecer ecossistemas comunicativos, e/ou em ampliar as possibilidades comunicativas entre os sujeitos, e/ou se preocupam com o uso pedagógico dos recursos tecnológicos e midiáticos, eles estão, de algum modo, agindo de forma entrelaçada com o quinto princípio da PPE, isto é, favorecendo uma relação mais ativa e criativa desses sujeitos diante das referências midiáticas que fazem parte de seus contextos de vida. Afinal, quando se proporciona aos alunos a oportunidade de eles reescreverem um conto clássico que possui início, meio e fim “eternizados”, mostra-se a eles, que o que têm para contar/escrever a partir de suas experiências, também é importante e pode virar “história”. Mostra-se, ainda, que com a troca de ideias entre os colegas e com a mediação dos professores é possível trazer elementos para enriquecer ainda mais a nova escrita, além de nesse processo de troca e trabalho em conjunto, criarem-se oportunidades que favoreçam a reflexão crítica e ativa sobre as referências midiáticas, traduzidas em temáticas e linguagens do cotidiano.

E tudo isso nos faz acreditar que por meio da inter-relação entre Educação e Comunicação, ou seja, da Educomunicação, seja possível encontrar possibilidades para a construção da produção coletiva de conhecimento com alunos e professores nos espaços escolares e para além dos muros da escola, pois, por meio dos diálogos e da coparticipação que a internet pode proporcionar, é possível trabalhar coletivamente e produzir, por exemplo, uma escrita colaborativa.

4 CONCLUSÃO

Diante do exposto, consideramos que um dos caminhos para a realização e a conquista de uma escrita colaborativa nas escolas e para além dos muros escolares, esteja relacionado com o desenvolvimento de uma Prática Pedagógica Educomunicativa (PPE) aliada a uma alfabetização midiática ou “digital” e ao multiletramento.

O primeiro conceito – alfabetização midiática ou “digital” – apesar de inicialmente ter ficado relacionado somente ao acesso, atualmente se aplica a práticas que compartilhem, por exemplo, o conhecimento, a criatividade e a inovação (VELASCO, 2014). Já o multiletramento considera ações pedagógicas que valorizem todas as formas de linguagem, sejam elas verbais, sejam não verbais, em que o foco deve estar voltado para o aprendiz, que, nesse caso, torna-se o protagonista na produção do conhecimento e não apenas um reproduzidor de saberes (COPE; KALANTZIS, 2008a apud NETO et al. 2013, p. 138). Ou seja, para ser um alfabetizado digital ou um multiletrado, não basta apenas saber utilizar o computador, mas, sim, ser capaz de selecionar e filtrar as informações pesquisadas, exercitar a capacidade de interpretação, elaborar conteúdos e compartilhá-los, entre outros, ações estas exercidas na produção escrita colaborativa.

Somados a esses conceitos, para que um trabalho colaborativo por meio da leitura ou da escrita venha a ter êxito, é imprescindível que ele realmente seja praticado em colaboração. Dessa forma, quando a ideia do trabalho colaborativo for apresentada aos alunos ela não deve ser lançada apenas como mais uma regra que deve ser seguida, pois, dessa forma, seu princípio perde o sentido, e, conseqüentemente, o desenvolvimento do trabalho e o seu resultado não são prazerosos e de sucesso. Para tanto, é imprescindível que o trabalho seja realizado de forma mediada, em que os professores incentivem os alunos a trabalharem juntos, buscando a construção coletiva de conhecimentos que gerem aprendizagens significativas e, assim, criem possibilidades para que os envolvidos nessas ações escrevam e contem suas experiências socioculturais, que, conforme pontuado anteriormente, na atualidade, são marcadas pelas mídias. Dessa forma, ao criarmos espaços de diálogo e de coparticipação, podemos ampliar e incentivar a aprendizagem colaborativa e, conseqüentemente, a produção escrita entre professores e alunos e, também, para além dos muros escolares.

Educommunicative pedagogical practice (PPE) and collaborative writing

Abstract

This article aims to reflect on the possibilities of incorporating the benefits of connectivity into the collective production of knowledge from Educommunication, which, from the interrelationship between Education and Communication. The study draws attention to the fact that teaching and learning in contemporary society, replete with media elements, indicates the need for mediation and dialogue between the students' media references and the experiences provided in the school environment. Given the mobility allowed by digital media, we conclude that it is possible, for example, to work collaboratively in a critical and active way with the students and teachers in the school spaces and beyond the walls of the school, through an Educommunication Pedagogical Practice) Combined with media literacy and multi-literacy.

Keywords: Educommunication. Educommunication Pedagogical Practice (PPE). Collaborative writing.

REFERÊNCIAS

APARICI, R. Introdução: a educomunicação para além do 2.0. In: APARICI, R. (Org.). **Educomunicação para além do 2.0**. São Paulo: Paulinas, 2014.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos e consumo de mídia pela população brasileira**. Brasília, DF: Secom, 2014. Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>>. Acesso em: 07 jan. 2016.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio: síntese de indicadores 2014**. IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento. Rio de Janeiro: IBGE, 2015. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv94935.pdf>>. Acesso em: 06 jan. 2016.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 2007.

MARTÍN-BARBERO, J. Desafios culturais da comunicação à educomunicação. In: CITELLI, A. O.; COSTA, M. C. C. (Org.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

MARTINO, L. M. S. **Teoria das Mídias Digitais: linguagens, ambientes, redes**. Petrópolis: Vozes, 2015.

NETO, A. T. et al. Multiletramentos em ambientes educacionais. In: ROJO, R. (Org.). **Escola Conectada: os multiletramentos e as TIC**. São Paulo: Parábola, 2013.

RÜDIGER, F. **As teorias da cibercultura: perspectivas, questões e autores**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2013.

SARTORI, A. S. Educomunicação e sua relação com a escola: a promoção de ecossistemas comunicativos e a aprendizagem distraída. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 7, n. 19, 2010. Disponível em: <<http://revista-cmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/viewFile/284/197>>. Acesso em: 04 jan. 2016.

SARTORI, A. S.; SOUZA, K. R. **Fotografia de crianças e seus personagens midiáticos**: contribuições para pensarmos as práticas educomunicativas no contexto educacional contemporâneo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 35., 2012, Fortaleza. Anais... Fortaleza, 2012.

SCHÖNINGER, R. R. Z. V.; SARTORI, A. S. Blogs escolares: dispositivos comunicacionais para a aprendizagem colaborativa. **Revista Educação PUC-Campinas**, Campinas, n. 19, n. 2, p. 155-163, maio/ago. 2014.

SOARES, I. de O. **Educomunicação**: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio. São Paulo: Paulinas, 2011.

SOARES, I. de O. Gestão Educomunicativa e Educação: caminhos da educomunicação. **Revista Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 23, jan./abr. 2002.

SOUZA, K. R. de. **Desenhos animados e educomunicação**: as brincadeiras das crianças e a prática pedagógica da educação infantil. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação – Centro de Ciências Humanas e da Educação)–Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. Disponível em <http://www.tede.udesc.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3330>. Acesso em: 05 jan. 2016.

TORRES, P. L.; IRALA, E. A. F. Aprendizagem colaborativa: teoria e prática. In: TORRES, P. L. (Org.). **Complexidade**: redes e conexões na produção do conhecimento. Curitiba: Senar, 2014. p. 61-93.

VELASCO, M. T. Q. Educar em outros tempos. O valor da comunicação. In: APARICI, R. (Org.). **Educomunicação para além do 2.0**. São Paulo: Paulinas, 2014.

